



COTIDIANO E TERRITORIALIDADE: UM ESTUDO DE USOS DO TEMPO ENTRE ASSENTADO(A)S

João Carlos Saldanha do Nascimento Santos¹

1. Introdução

No estudo da organização da vida cotidiana das famílias assentadas a proposta é, a partir de uma perspectiva microssocial, identificar os aspectos presentes nas interações estabelecidas nos assentamentos rurais. São considerados aqueles aspectos que Simmel define como “os delicados fios de relações mínimas entre os homens, em cuja repetição contínua se funda aquelas grandes formações” e presentes também nas “formas sociais poucos visíveis” em “*status nascens*”², como no caso dos assentamentos rurais. E que, na perspectiva de análise adotada, podem ser identificados na “territorialidade” das práticas sociais que se configuram nas dimensões tempo e espaço da vida cotidiana.

Na definição “territorialidade”, destacamos as noções elaboradas por Yves Barel no artigo “*Le social e ses territoires*” que, segundo o autor, designa os limites e fronteiras de uma prática social. O “território”, ou como ele define, o “território social” é parte constitutiva das dimensões *espaço* e *tempo* que é formado tanto de aspectos materiais, como dos imateriais. A definição de Barel trata as dimensões *espaço* e *tempo* no plano da concretude, como receptáculos que podem ser percebidos e (re) sentidos pelo homem. Nesta definição aponta para a inevitabilidade dos indivíduos ou grupos humanos de produzir ou de habitar em mais de um “território”. E com a noção de “multi-territorialidade” explica o fato do indivíduo, viver, simultaneamente, no nível da família, do grupo e da nação. Barel observa, no entanto, que a “multi-territorialidade” acarreta no fenômeno da “superposição territorial”, que traz à tona, por sua vez, o papel do paradoxo na vida humana e social com suas contradições e conflitos.

No enfoque proposto parte-se da premissa que o cotidiano representa um “lugar” privilegiado para a reconstrução das novas sociabilidades. Neste sentido, estamos em acordo com Milton Santos quando considera a necessidade de redescobrir o “lugar”, por meio do cotidiano, sobretudo, num contexto em que “globalidade” e “localidade” se chocam e se fundem. Nos

¹ Mestre em Planejamento Urbano. e Regional (IPPUR- UFRJ)
Doutorando em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA-UFRJ)
Professor de Sociologia (Depto. Ciências Sociais – UFES)

² Simmel, 1983: 71 e 73.



assentamentos, mesmo distante dos centros de modernidade, os indivíduos estão em contato com os meios técnicos, científicos e informacionais disponibilizados pela sociedade contemporânea e que estão presentes como recursos em suas atividades diárias como as motocicletas, as antenas parabólicas, celulares, microcomputadores etc..

Porém, a condição fundamental para existência do grupo é a “proximidade” por meio da qual se estabelecem os vínculos sociais. A partir desta perspectiva procura-se explicitar a territorialidade das práticas sociais analisando a natureza das interações sociais, os locais onde ocorrem e os atores sociais envolvidos. Observando que as interações cotidianas são “regionalizadas”, como na perspectiva assinalada por Goffman e Giddens, e nos assentamentos são “regionalizadas” em torno de práticas que se estabelecem em função das relações de parentesco, gênero, geração e vínculos políticos ou religiosos.

A pesquisa foi realizada em dois assentamentos rurais no norte do Estado do Espírito Santo: Pontal do Jundiá e Zumbi do Palmares. Estes assentamentos foram escolhidos em razão de dois critérios. Por estarem localizados na região norte onde se concentra o maior número de assentamentos no Estado, próximos dos municípios de São Mateus, Conceição da Barra e Nova Venécia. E por terem sido criados em diferentes épocas, visto que a intenção era pesquisar áreas em fases distintas da formação como o Pontal do Jundiá surgida em meados da década de 1980 e o Zumbi dos Palmares no final da década de 1990.

O trabalho de campo aconteceu no correr de dois meses quando visitei as áreas fazendo observações *in loco* e aplicando questionários, entrevistas e diários de usos do tempo. Para coletar os dados frequentei os assentamentos durante os meses de junho e julho de 2008, período final da colheita do café e de comemoração das festas juninas. O primeiro ocorreu nos dias 11,12 e 13 de junho, o segundo, nos dias 16, 17, 18 e 19 de junho e, o terceiro, nos dias 07, 08, 09, 10 e 11 de julho. Durante as visitas apliquei os instrumentos de pesquisas e os intervalos de tempo foram necessários para contatar as famílias e realizar os procedimentos de campo

2. Os diários de usos do tempo no estudo das famílias assentadas

As possibilidades apresentadas pelo uso desta metodologia foram as de alcançar uma amostra significativa de famílias e, pelo fato de serem auto-aplicáveis, registrar as informações com expressões próprias dos sujeitos pesquisados. Na pesquisa de campo, os diários foram aplicados para colher informações do cotidiano dos assentados e a orientação era de que escolhessem um dia comum do meio de semana para preenchê-lo. Os limites residiam na restrição da coleta de dados ao



período de um dia e na necessidade de confiar em registros feitos sem a comprovação direta do pesquisador. Na superação dos limites o procedimento adotado consistiu na combinação de com a observação direta, o questionário e a entrevista.

Na temporalidade da vida cotidiana dos assentados chama-se a atenção para a distinção feita por E. P. Thompson a respeito das diferentes formas de percepção do tempo. No texto intitulado “Tempo, disciplina de trabalho e o capitalismo industrial³”, Thompson distingue as formas de percepção “orientadas pelas tarefas” das que são “orientadas pelo relógio”. As “orientadas pelas tarefas” são típicas das sociedades camponesas, dos vilarejos e da vida doméstica e as “orientadas pelo relógio” típicas das sociedades industrializadas. Por viverem no mundo rural, as famílias assentadas são reguladas pelos dois ritmos. O ritmo da natureza que determina os momentos do plantio, da colheita, da irrigação e do trato, como o dia e a noite, as estações do ano e a posição do sol no decorrer do dia. E os ritmos do relógio e do calendário que determinam os momentos de cuidar da casa, ir para o trabalho, ir para escola, pegar ônibus, assistir televisão, ir às reuniões e cultos religiosos, pagar as contas etc.

Ou seja, na organização dos seus espaços de vida as famílias são sujeitas às temporalidades advindas de diferentes esferas: a da vida doméstica que regula o tempo do sono, da alimentação dos cuidados com a casa e com a família; a da produção que determina o tempo do plantio, do trato, da colheita e da venda; a da vida social com o horário da escola, das reuniões e das celebrações; e a do poder público, que ultrapassa os âmbito das relações face a face, decorrente da temporalidade de tramitação dos projetos, convênios e financiamentos. Submetidos por esta múltipla temporalidade, os assentados configuram a territorialidade das suas vidas cotidianas, percorrendo pelos diferentes lugares como a casa, a área de produção, a comunidade, a escola, a igreja e a cidade próxima.

A partir dos registros feitos nos diários, se verificou as diferentes distribuições de usos dos tempos pelos indivíduos realizando as atividades, relacionando com pessoas e percorrendo pelos lugares. A dimensão quantitativa da pesquisa não tinha como intenção medir a duração dos eventos e sim verificar a proporção em que ocorrem. As proporções de distribuição dos tempos foram calculadas pelo somatório dos tempos registrados e agrupados em relação à categoria vínculo familiar. A amostra alcançou quarenta e nove indivíduos em vinte e nove famílias distribuídas proporcionalmente nos dois assentamentos.

³ Thompson: 1998



Amostra dos diários de usos do tempo			
Vínculo familiar	Zumbi dos Palmares	Pontal do Jundiá	Total
Esposa	12	6	18
Esposo	13	6	19
Filhas/filhos	7	3	10
Genro/nora	1	1	2
Indivíduos	33	16	49

Assentamento	Município	Famílias	Data de criação
PA Pontal da Jundiá	C. da Barra	48	16/2/1986
PA Zumbi dos Palmares	São Mateus	151	13/12/1999

Considerando o universo de cento e noventa e nove famílias cadastradas nos dois assentamentos, a amostra alcançou um percentual de quatorze por cento das famílias com o “erro amostral tolerável” entre quinze e vinte por cento. De acordo com os resultados obtidos, foram verificados os aspectos descritos a seguir.

2.1 Atividades

Na escala de distribuição dos usos do tempo, as atividades com “cuidados pessoais” apareceram em maior proporção. A esse respeito é necessário observar que nesta categoria consta o “dormir”, que ocupa parte substancial jornada diária; sobretudo no meio rural, onde o tempo dedicado ao sono é, em geral, superior ao do meio urbano. Na segunda posição da escala, entre os esposos, o somatório dos tempos resultou nas atividades com o “trabalho agrícola dentro do contexto doméstico” e, entre as esposas, no Zumbi dos Palmares resultou no “manejo com alimentos” e no Pontal do Jundiá no “trabalho agrícola dentro do contexto doméstico”. Ou seja, o aspecto comum aos dois assentamentos é a divisão por gênero das atividades. As que dizem respeito aos cuidados com a casa aparecem como de responsabilidade das esposas e o trabalho agrícola dos esposos. No entanto, observa-se que as esposas também realizam o trabalho agrícola, enquanto que os esposos pouco participam das atividades domésticas.



O trabalho agrícola é realizado na área de produção que, em poucas situações, fica próximo da casa. Em geral a casa e a área de produção são distantes. Com isto, os assentados gastam parte do tempo diário em deslocamentos realizados a pé, de moto ou de bicicleta. Nestes deslocamentos percorrem pelas estradas e trocam informações com os demais membros da comunidade. Entremeiam o dia de trabalho com intervalos para descanso e tomar café, numa rotina que retrata um dos aspectos ressaltados nas conversas com os assentados que se refere à maior autonomia nas relações de trabalho conquistadas a partir do ingresso nos assentamentos.

As “atividades participativas” como reuniões e assembléias apareceram com maior frequência entre os esposos. Outro aspecto comum presente nos dois assentamentos foi o registro de tempos dedicados aos trabalhos não agrícolas realizados dentro e fora dos lotes. Os dados expressam a “pluriatividade” existente nos assentamentos em que, para garantir a reprodução econômica das unidades domésticas, os membros das famílias realizam atividades não agrícolas. Esta situação se verificou com maior frequência no Zumbi dos Palmares onde se constatou uma média de idade inferior em cerca de dez anos à do Pontal do Jundiá e, portanto, com maiores possibilidades de inserção nas atividades não agrícolas oferecidas como as de professor, agentes de saúde, domésticas etc. Neste caso, a “pluriatividade” envolve particularmente as esposas e filhos, pois, os esposos, mesmo quando buscam rendimentos fora dos lotes, realizam atividades agrícolas.

Na descrição das atividades ressalta-se o tempo dedicado a assistir televisão. Em relação aos meios de comunicação, a televisão apareceu numa proporção significativamente superior ao hábito de ouvir rádio. Nos registros dos diários verifica-se que à noite as famílias se reúnem em frente à TV para acompanhar os jornais e novelas. Percorrendo pelos assentamentos percebe-se que a maioria das casas possui antenas parabólicas por meio das quais estão conectadas com as informações circulantes nas mídias televisivas. Com isto, a televisão constitui num importante canal por meio do qual recebem influências de agentes situados distante do contexto direto das interações cotidianos.

Os filhos, por sua vez, dedicam parte do tempo diário ao “trabalho agrícola” e “não agrícola” e, com isto, desempenham papel importante na composição da renda familiar. Participam também das atividades escolares; visto que os dados demonstram que a escola faz parte do cotidiano das crianças e jovens, aparecendo com frequência nos registros dos diários. Os que cursam o ensino fundamental estudam nas escolas localizadas nos assentamentos e os que cursam o ensino médio, se deslocam para as cidades próximas. No Pontal do Jundiá se deslocam para Pedro Canário e no Zumbi dos Palmares para Nova Venécia. No registro dos filhos e filhas e dos genros e



noras observou-se que estes, em razão das relações de gênero, participam do “trabalho agrícola dentro do contexto doméstico” ou das atividades ligadas à manutenção do domicílio.

2.2. *Com quem*

De acordo com os dados dos diários, as atividades cotidianas dos esposos e esposas são realizadas, na maior parte do tempo, sozinhas ou na companhia dos familiares e no restante do tempo com os “demais membros da comunidade” ou “outras pessoas conhecidas”. Pelo fato de cuidar das atividades da casa, a esposa tem um maior tempo junto com os filhos. Por outro lado, esposos por circularem com mais frequência fora de casa, estabelecem um maior contato com pessoas de fora do âmbito familiar. No entanto, nas visitas de campo presenciei situações de convívio social com o envolvimento de ambos, como nas reuniões em que discutiam questões referentes à renegociação dos créditos agrícolas e na preparação da festa junina.

Os filhos maiores, por estudarem na cidade ou exercerem “trabalho não agrícola fora do contexto doméstico”, se relacionam numa proporção maior de tempo que os pais com os demais “membros da comunidade” ou “outras pessoas conhecidas”. Nestas relações ampliam as redes de conhecimentos e as relações para além do âmbito familiar. A múltipla convivência possibilita aos mais jovens o ingresso em atividades não agrícolas realizadas dentro ou fora dos assentamentos. Como exemplo os diversos casos de filhos de assentados que, depois de concluírem o segundo, grau se graduaram em cursos de pedagogia e técnicos agrícolas.

2.3. *Onde*

Sobre o “onde fazem” as informações dos diários indicam que, as atividades cotidianas da família ocorrem no âmbito da casa e da área de produção e são “regionalizadas” de acordo com as relações de gênero e de geração. A jornada da esposa acontece, prioritariamente, nos espaços da casa cuidando do lar, das crianças, do alimento, da horta e da criação de quintal e, em menor proporção, na área de produção e na comunidade. A casa para os esposos é o lugar do descanso, o trabalho é realizado na área de produção, onde permanecem durante parte considerável do dia e o restante do tempo dividido entre a comunidade e a cidade próxima para onde se deslocam para pagar contas, fazer compras, ir ao banco etc. Na tabela abaixo relacionamos as expressões registradas por esposos e esposas na regionalização das atividades diárias.



Quadro 1: Regionalização dos episódios (esposo e esposa)

Vínculo	lugar 1	Lugar 2	lugar 3	Vínculo	lugar 1	lugar 2	Lugar 3
Esposa	Casa	Roça		Esposo	lavoura	casa	
Esposa	Casa	Roça		Esposo	roça	casa	
Esposa	Casa	Roça		Esposo	roça	casa	
Esposa	Casa			Esposo	roça	casa	Cidade
Esposa	Casa			Esposo	roça	casa	Escola
Esposa	Casa	Rua		Esposo	roça	casa	Cidade
Esposa	Casa			Esposo	casa	roça	
Esposa	Roça	Casa		Esposo	casa	roça	
Esposa	Casa			Esposo	propriedade	roça	
Esposa	Casa	Roça		Esposo	propriedade	casa	Igreja
Esposa	Casa	Roça		Esposo	roça	casa	
Esposa	Escola	Casa		Esposo	roça	casa	Vizinho
Esposa	Casa			Esposo	casa	roça	Cidade
Esposa	Casa	propriedade	Vizinha	Esposo	casa	propriedade	Grupo
Esposa	Casa			Esposo	casa	roça	Vila
Esposa	Casa	Escola		Esposo	roça	casa	
Esposa	Casa	Roça		Esposo	casa	assentamento	Roça
Esposa	Casa	Roça	Igreja	Esposo	roça	casa	
Esposa	Casa	Roça		Esposo	casa	roça	
Esposa	Casa			Esposo	roça	casa	
Esposa	Casa						
Esposa	Casa						



Os registros foram relacionados em ordem de ocorrência destacando os três primeiros lugares e utilizando as expressões próprias dos pesquisados. A área de moradia é referida como casa e a área de produção aparece com diferentes expressões. Em geral se referem à área de produção como roça, porém, por vezes aparecem as expressões propriedade e lavoura. De cada expressão é possível apreender diferentes sentidos, a roça como o lugar do trabalho, a propriedade da autonomia e a lavoura da produção. As expressões de “vizinho” e “grupo” se referem às imediações próximas do âmbito familiar e a “igreja” o local dos encontros religiosos.

Os filhos circulam entre a casa, a área de produção, a comunidade e a cidade. Na casa as filhas participam das atividades domésticas enquanto que nos lote os filhos acompanham os pais no trabalho agrícola. As escolas de assentamentos constituem-se como um ponto de referência nas comunidades para onde se encaminham, a pé ou transporte escolar, as que estudam no primeiro segmento do ensino básico. Sendo que aqueles prosseguem na escolarização se encaminham para a cidade próxima por meio dos transportes disponibilizados pelas prefeituras. Os que realizam atividades agrícolas na cidade, muitas vezes retornam para casa somente nos finais de semanas. E as atividades registradas por genro/nora aconteceram quase na totalidade na casa. No quadro de “regionalização”⁴ dos eventos encontramos a seguinte configuração.

Quadro 2: Regionalização dos episódios (filho-filha e genro - nora)

Vínculo	lugar 1	Lugar 2	lugar 3
Filha	Casa	Escola	
Filha	Cidade	Casa	
Filha	Casa	Escola	Cidade
Filho	Roça	Casa	
Filho	Casa	Escola	
Filho	Casa		
Filho	Casa		
Filho	Escola	Casa	

⁴ Para Anthony Giddens os lugares” ou, como ele prefere, os “locais” são “regionalizados” internamente e esta “regionalização” é importante na constistuição dos contextos de interação. Na “teoria da estruturação” a noção de “regionalização” corresponde ao zoneamento tempo espaço das práticas sociais rotinizadas, sendo que esta noção pode ser aplicada também em cenários de locais pequenos.



Filho	Roça	Casa	Cidade
Nora	Casa	Roça	
Nora	Casa		

3. Conclusões

As informações coletadas nos diários permitiram constatar que a base da vida social no microcosmo dos assentamentos pesquisados são as unidades domésticas; sendo que as atividades cotidianas são executadas em razão das relações de gênero e geração. As unidades domésticas são constituídas de diferentes maneiras com indivíduos separados após o ingresso nos assentamentos, famílias nucleares formadas pelos casais e filhos e famílias extensas com membros de duas ou três gerações no mesmo lote. Este microcosmo é dividido por dois espaços fundamentais: a área e moradia e a área de produção. Em geral, para os maridos a área de moradia é o lugar do descanso e para as esposas o lugar de trabalho e de descanso. As exceções acontecem no caso dos indivíduos separados que exercem tanto as atividades domésticas quanto as agrícolas. As esposas circulam menos que os maridos, no entanto se envolvem num número maior de episódios no decorrer do dia: preparando a comida, cuidando dos filhos, arrumando a casa e tratando da horta e da criação do quintal etc.. Os maridos, por sua vez, circulam mais que as esposas, porém se envolvem num número menor de episódios e em atividades repetitivas no trabalho agrícola. Como conclusão, podemos observar nos assentamentos rurais uma dualidade que se traduz nos termos que, simultaneamente, se opõem e se complementam.

Feminino	Masculino
área de moradia	área de produção
casa/quintal	Roça
atividades domésticas	Atividades agrícolas
Fixidez	Mobilidade

4. Bibliografia

Aguiar, N. Pesquisa dos Usos de Tempo / Belo Horizonte (Livro de Códigos). Belo Horizonte, . 2002



Barel, Y. Le social et ses territoires. In: (Ed.). Espaces, Jeux et Enjeux. Paris: F. D. Fayard (Ed.). 1986.

Chayanov, A. V. 1. La familia campesina y la influencia de su desarrollo en actividad económica. In: (Ed.). La organización de la unidade económica campesina. Buenos Aires: Editorial Nueva Visión, 1974.

Giddens, A. A Constituição da Sociedade. São Paulo: Livraria Martins Fontes. 1989.

Goffman, E. A representação do eu na vida cotidiana. Petrópolis: Vozes. 2007.

Leite, S. H., Beatriz; Medeiros; Leonilde ..[Et. Al.]. Impactos dos assentamentos. São Paulo: UNESP. 2004.

Pizetta, J. A. A questão agrária e o MST no Espírito Santo .1999.

Santos, M. A Natureza do Espaço. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2006. (Coleção Milton Santos).

Thompson, E. P. Tempo. Costumes em comum. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.